

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

TAINAH MARQUES FERNANDES MOREIRA DE SOUZA

**Gênero e Narrativa:
As Consequências da Disparidade de Gênero para o Audiovisual
Brasileiro**

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**Gênero e Narrativa:
As Consequências da Disparidade de Gênero para o Audiovisual
Brasileiro**

Tainah Marques Fernandes Moreira de Souza

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Mídia, Informação e
Cultura.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a Ana Laura Maria Gamboggi Taddei

São Paulo
2020

AGRADECIMENTOS

Aos Professores da pós-graduação da Especialização em Mídia, Informação e Cultura por toda a dedicação e empenho em entregar aulas de tanta qualidade, não apenas ao longo do curso, mas em especial, nesse momento tão desafiador de pandemia e isolamento social que passamos.

À Profa. Dra. Ana Laura Gamboggi Taddei pela orientação, não apenas no quesito acadêmico para a realização desta pesquisa, mas também por todo o conhecimento transmitido de maneira tão generosa.

Agradeço também à todas as mulheres que vieram antes de mim e permitiram que eu estivesse aqui hoje.

GÊNERO E NARRATIVA:

As Consequências da Disparidade de Gênero para o Audiovisual Brasileiro¹

Tainah Marques Fernandes Moreira de Souza²

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo abordar e compreender questões relacionadas à disparidade de gênero no audiovisual e suas consequências para as criações de narrativas e enredo, bem como para a construção de personagens ditos minoria em produções do cinema nacional. Para tal, foram feitas análises de pesquisas, entrevistas com profissionais de audiovisual, aplicação do Teste de Bechdel / Wallace, pesquisa em material teórico específico e a análise de cinco filmes lançados comercialmente entre 2010 e 2019. São eles: “E, aí... Comeu?”, “Os Homens São de Marte... E É Pra Lá Que Eu Vou”, “Que Horas Ela Volta”, “Minha Vida em Marte” e “A Vida Invisível”.

Palavras-chave: audiovisual, mercado de trabalho, gênero, narrativas, personagens.

Abstract: This research aims to address and understand issues related to gender disparity in the Brazilian audiovisual market and its consequences for the creation of narratives and plot, and the construction of so-called minority characters. To this end, research analyzes, interviews with audiovisual professionals, application of the Bechdel / Wallace Test, research on specific theoretical material and the analysis of five films released commercially between 2010 and 2019, were carried out. The films selected were: “E, aí... Comeu?”, “Os Homens São de Marte... E É Pra Lá Que Eu Vou”, “Que Horas Ela Volta”, “Minha Vida em Marte” e “A Vida Invisível”.

Key words: cinema; audiovisual market; gender; narratives; Brazilian cinema.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo abordar y comprender cuestiones relacionadas con la disparidad de género en el mercado audiovisual brasileño y sus consecuencias para la creación de narrativas y tramas, y la construcción de personajes. Para eso, se realizaron análisis de investigación, entrevistas a profesionales del audiovisual, aplicación del Test Bechdel, investigación sobre material teórico específico y el análisis de cinco películas estrenadas comercialmente en la última década (2010 - 2019). Son ellos: “E, aí... Comeu?”, “Os Homens São de Marte... E É Pra Lá Que Eu Vou”, “Que Horas Ela Volta”, “Minha Vida em Marte” e “A Vida Invisível”.

Palabras clave: cine; mercado audiovisual; género; narrativas; cine brasileño

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura organizado pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da ECA/USP, no ano de 2020, sob orientação da Prof^a Dr^a Ana Laura Maria Gamboggi Taddei.

² Pós-graduanda em Mídia Informação e Cultura. Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2013.

1. INTRODUÇÃO

Nesta última década, mas não apenas, a participação (ou a falta) de gênero e raça em sets de filmagem e no mercado audiovisual brasileiro como um todo, tem sido discutida. O número crescente de debates, fóruns e encontros nos últimos anos para tratar sobre o tema, mostram a importância do assunto e sua relevância para profissionais da área. Muitos deles foram impulsionados pelo movimento #MeToo, iniciado nos Estados Unidos em 2017, e que denunciava casos de assédio da indústria audiovisual estadunidense. A partir de então, não apenas casos de abuso sexual começaram a ganhar espaço na mídia, como também casos de diferenças salariais, além de ter dado mais visibilidade na desproporção de gênero nos bastidores.

Antes mesmo de o movimento nascer e ganhar visibilidade, a atriz Emma Watson, em uma entrevista ao jornal norte-americano *The Guardian*, em 2015, relatou ter notado o machismo na indústria quando percebeu que, até então, em sua carreira, havia sido dirigida por 17 homens e por apenas duas mulheres.

Eu notei o sexismo em Hollywood quando parei para pensar que fui dirigida por 17 diretores do sexo masculino e apenas duas vezes por mulheres. E dos produtores com quem trabalhei, 13 foram do sexo masculino e apenas uma foi mulher. (WATSON, in *The Guardian*, 2015).

Na ocasião das denúncias feitas por meio do movimento #MeToo, outras atrizes e profissionais da indústria audiovisual, tanto norte-americanas, quanto brasileiras, saíram a público para denunciar situações similares e casos de assédio. Isso demonstra que o problema da disparidade é uma questão que atinge mulheres de diferentes lugares e posições sociais.

No Brasil, segundo levantamento feito pela Agência Nacional de Cinema (ANCINE), no ano de 2016, dos 142 longas-metragens lançados comercialmente naquele ano, apenas 19,7% foram dirigidos por mulheres brancas. Quando olhamos para o recorte de raça/cor, esse número é ainda menor: apenas 2,1% dos filmes foram dirigidos por homens negros, e nenhum filme em 2016 foi dirigido ou roteirizado por uma mulher negra.

Já outro estudo realizado pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas (GEMAA), que também traz dados alarmantes, revelou que em filmes com público superior a 500 mil espectadores, produzidos no Brasil entre os anos de 1970 e 2016, 98% de um total de 498 filmes foram dirigidos por homens. Ou seja, foram identificados apenas cerca de 10 filmes com mulheres assinando a direção no período. Tal fenômeno pode ser enxergado como um reflexo da desigualdade de gênero presente em diversos ramos e atividades.

Ao analisar outras funções de destaque dentro das equipes de criação e filmagem no mercado audiovisual, como a função de roteirista, a pesquisa realizada pela ANCINE revelou ainda que no ano de 2016, o Brasil teve 21% de seus filmes roteirizados exclusivamente por mulheres. Já segundo o estudo do Boletim GEMAA, entre 1970 e 2016, 6% dos filmes foram roteirizados por mulheres brancas e apenas 2% por mulheres negras, o que reforça a disparidade de gênero e raça no mercado audiovisual brasileiro.

Diferentes motivos podem ser usados para explicar essa disparidade, como por exemplo, o fator histórico. Em nossa sociedade algumas profissões costumam ser associadas ao masculino, enquanto outras, ao feminino. Isso pode ser explicado pela divisão sexual do trabalho que reserva a destinação prioritária dos homens no mercado de trabalho à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado, como explicado no livro *A Liderança Feminina no Século 21*.

Responsáveis historicamente por atividades de cuidado e formação de seres humanos - da casa às profissões ligadas a essa função (educação, saúde, assistência social) - as mulheres (especialmente as mais pobres) levam a pior neste jogo. Na América Latina, esse quadro é mais alarmante, já que a falta de políticas sociais e fragilização de direitos, em um contexto de globalização econômica, torna ainda mais perversas e profundas as desigualdades. (CARREIRA et al, 2001, p. 13)

Por conta disso, em quase todas as áreas de atuação, as mulheres ainda enfrentam dificuldades para ocupar cargos de liderança, apesar de estarem no grupo de pessoas com maior instrução educacional. Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, no ano de 2016 as mulheres representavam 33,9% das pessoas com mais de 25 anos com ensino superior completo, contra 27,7% de homens. No entanto, a mesma publicação revelou que naquele ano as mulheres ganharam 76,5% do rendimento dos homens, mesmo trabalhando, em média, três horas a mais por dia.

Se olharmos para o mercado audiovisual, a tendência se mostra verdadeira. Ainda de acordo com a pesquisa da ANCINE que traz dados sobre as diferenças de gênero no cinema brasileiro, em 2016 mais da metade das pessoas (52,5%) que concluíram formação acadêmica na área de audiovisual no país, eram mulheres.

Para além dos impactos econômicos que essa desigualdade de gênero pode causar no mercado de trabalho brasileiro, no cinema nacional a falta de diversidade pode se ver refletida na criação de narrativas e personagens que são exibidas nas telas. Apesar de também ser um assunto amplamente abordado entre profissionais especializados, não foram encontrados

materiais de pesquisa que traçassem um paralelo entre a baixa diversidade nas produções e o resultado exibido ao grande público.

Para exemplificarmos essa relação, esta pesquisa traçou ainda um comparativo entre os quadros de funcionários dos filmes analisados e seus conteúdos finais através da aplicação do Teste de Bechdel / Wallace, um teste mundialmente conhecido e que tem como objetivo avaliar se as obras cinematográficas fazem bom uso de suas personagens femininas. A aplicação deste teste se dá com aplicação de alguns parâmetros, como quantas personagens femininas aparecem na obra, se as personagens presentes na trama possuem nome, se elas conversam entre si e, se quando conversam, o conteúdo dos diálogos é sobre homens, sexo e/ou relacionamentos amorosos. O teste surgiu há cerca de 30 anos e foi idealizado pela cartunista norte-americana Alison Bechdel após uma conversa com sua amiga Liz Wallace sobre o assunto.

Já com o objetivo de compreender melhor o cenário atual do audiovisual brasileiro, esta pesquisa fez uso também da aplicação de uma pesquisa independente com profissionais atuantes do mercado. As respostas obtidas através deste processo, reforçam o que os demais estudos utilizados para este trabalho já nos apontavam: uma presença majoritariamente masculina e branca nos sets de filmagem e nas funções de liderança, principalmente o departamento de criação.

Portanto, a realização desta pesquisa se justifica como material de referência para a criação de estratégias e políticas de incentivo para futuras produções, pois, uma vez que existe uma diversidade maior de olhares e locais de fala no processo criativo e de produção, diferentes temáticas podem ser exploradas e exibidas de maneiras variadas, enriquecendo o debate público e a formação de identidade de uma população representada por novas gerações.

Karim Aïnouz, cineasta brasileiro realizador de filmes como “Praia do Futuro”, “O Céu de Suely”, “Madame Satã” e “A Vida Invisível”, quando perguntado em entrevista à Revista Veja em 2019 sobre o assunto, aponta que, apesar de se identificar como homem homossexual, é importante reconhecer os lugares de fala dentro de cada trabalho.

Acho isso bom. O lugar da arte é poder falar sobre o outro. Ficava me perguntando se eu não tinha direito de fazer O Céu de Suely e eu acho que tinha, sim. Será que não tinha direito de fazer Madame Satã? Porque não sou negro, mas sou gay. Pensando neste filme, achei que tinha, sim, mas a partir de que lugar? Porque é importante a gente se colocar no lugar do outro. Tive uma diretora assistente. Queria que o roteiro tivesse uma presença feminina. Queria que a fotografia fosse de uma mulher, não só por uma questão ética, mas por ser um filme muito íntimo, em que corpos estão expostos. Queria que o filme fosse montado por uma mulher. A equipe de som era de mulheres, por causa dos microfones perto dos corpos. Porque não era simplesmente dizer que eu tenho direito, mas eu tenho direito dentro dessas condições. Era uma

preocupação que eu tive. E que não sei se teria tido dez anos atrás, então é importante entender a produtividade dentro desse discurso. (AÏNOUZ, in Veja, 2019)

O cinema, amparado pelos meios de comunicação, é uma área importante para que se estabeleçam discussões sobre gênero. Esta relação encaminha a busca para uma nova produção de sentido e questionamentos do senso comum em relação às atribuições femininas e masculinas na sociedade. Portanto, estabelecer discussões sobre o assunto se faz necessário para que paradigmas sejam quebrados e novos cenários sejam formados.

2. AS MINORIAS E O MERCADO DE TRABALHO

A separação na atribuição de funções dentro do mercado audiovisual pode ser explicada por diversos motivos. Os reflexos dessa desigualdade, alimentada por uma estrutura machista dentro do mercado de trabalho podem ser vistos em diferentes ambientes e aspectos da nossa sociedade, com mulheres que ainda enfrentam inúmeras dificuldades para alcançar cargos de liderança.

Dentro do mercado cultural, e, por consequência, o audiovisual, essas discriminações podem ser vistas refletidas nas obras produzidas e consumidas em massa pelo público brasileiro. Trecho do livro *A Liderança Feminina no Século 21*, aponta a questão da separação de atribuições e liderança feminina dentro do ambiente de trabalho, como uma questão estrutural de nossa sociedade que precisa ser enfrentada.

Entre outras barreiras, destacamos quatro obstáculos, que se interconectam e se alimentam mutuamente. O eixo que os percorre é o sistema patriarcal, que historicamente valoriza o masculino em detrimento do feminino e dá a base material para as desigualdades sociais, econômicas, culturais, existentes entre homens e mulheres. Entendemos que tais desigualdades se manifestam de formas diversas em diferentes contextos sociais, culturais, locais e regionais e que suscitam por parte de mulheres e homens diferentes reações/resistências/estratégias. (CARREIRA et al, 2001, p. 12)

Reduzir as desigualdades, para além de uma questão de justiça social, é também uma questão econômica. Diversos especialistas vêm apontando, ao longo dos últimos anos, que ter uma sociedade onde a equidade de gênero no mercado de trabalho é uma realidade, significa ter números de arrecadação elevados que ajudam a movimentação econômica do país.

O relatório de 2017 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) mostra que reduzir as desigualdades de gênero em 25%, até 2025, poderia adicionar US\$ 5,8 trilhões à economia global e aumentar as receitas fiscais. No Brasil, o efeito seria um aumento de até R\$ 382 bilhões, ou 3,3% no PIB, e um acréscimo de até R\$ 131 bilhões em receita tributária.” (MACHADO, 2019, p. 61)

Uma vez que as mulheres, brancas e negras, passam a figurar no mercado de trabalho e, assim, têm a oportunidade de aumentar seu poder aquisitivo e independência financeira, consomem mais, contratam mais serviços e, por consequência, injetam mais dinheiro na economia. No entanto, é possível observar ainda diversos entraves que impedem que essa parcela da população ascenda e conquiste o mercado de trabalho de maneira plena e integral, seja por uma questão de sexismo, violência de gênero ou, até mesmo, a manutenção das desigualdades que desenham as classes sociais do nosso país.

Outro fator que pode explicar tal desigualdade é o do “viés inconsciente”, termo que se refere às tomadas de decisões que fazemos de forma involuntária ou subconscientemente. O viés inconsciente ou *unconscious bias*, no termo em inglês, parte do princípio de que todos temos, de alguma maneira, preferências já pré-estabelecidas sobre diversos fatores e situações. Esse funcionamento natural do nosso cérebro pode, por muitas vezes, salvar nossas vidas, porém para o mercado de trabalho, mantém o *status quo* no momento das contratações, reservando cargos de lideranças à homens que, em sua maioria, são brancos e heterossexuais, ou seja, um reforço do poder hegemônico exercido pelo patriarcado na nossa sociedade.

Sobre isso, pensando no mercado audiovisual, foco desta pesquisa, Sandra Machado em seu livro *Entre Santas, Bruxas, Loucas e Femmes Fatales: (más) representações e questões de gênero nos cinemas*, sugere ainda outro fator que poderia explicar a falta de diretoras mulheres em grandes produções do cinema.

‘Ninguém sonharia em contratar diretoras como Nora Ephron ou Sofia Coppola para fazer o novo filme de James Bond, mas, uma vez mais, por que elas estariam interessadas (em fazê-los)?’, pergunta Terry Press, veterano publicitário dos grandes estúdios de Hollywood. Amy Pascal, copresidente da Sony Pictures, um dos maiores estúdios do mundo, engrossa o coro ao afirmar que pode ser, simplesmente, ‘uma questão de ‘autosseleção’, desde que a maioria dos estúdios produz filmes focados em espectadores masculinos jovens. (MACHADO, 2019 p. 85).

Lançando um olhar sobre a questão no mercado de trabalho audiovisual, Machado, destaca também a necessidade de quebrar esse padrão em nome de um entretenimento mais inclusivo e diverso.

É necessária a superação das representações tradicionais, simplificadas e estereotipadas das diversidades culturais e comunicacionais. Especialmente

sobre a aprendizagem dos papéis de gênero em filmes (de ficção ou não), séries e programas de TV, e as consequências sobre as crianças e adolescentes, sobre a juventude e as futuras gerações. (MACHADO, 2019, p. 15).

Para exemplificar como a falta de representatividade nas equipes afeta o que vemos nas telas e reforça os estereótipos nos enredos e narrativas, a pesquisa do Grupo GEMAA traz números sobre o elenco dos filmes de grandes produções analisadas. Segundo o estudo, entre os anos de 1970 e 2016, as histórias narradas nos filmes brasileiros apresentam protagonismo maior de homens, com 60% das atuações, sendo desse total, a maioria brancos, com 50%. Já a participação de mulheres representa 39% das atuações. Contudo, a maior desigualdade aparece no quesito raça/cor, que é inclusive mais intensa entre as mulheres. Enquanto a proporção entre homens brancos e negros é um pouco inferior a 6 para 1, entre protagonistas mulheres ela atinge 18 para 1.

Os números apresentados pelo levantamento do Grupo GEMAA, expõem uma realidade do nosso cinema. A relação direta entre o alto número de homens brancos nos cargos criativos e de liderança, e a alta representação desse mesmo grupo, reforçam a teoria de que, quando contamos uma história, contamos sob o nosso ponto de vista e sobre aquilo que sabemos. Sendo assim, a falta de representatividade de outros grupos da sociedade, seus locais de fala e experiências, os colocam à margem e em um ciclo vicioso onde não se veem representados nas telas e no mercado de trabalho.

3. A DISPARIDADE NO AUDIOVISUAL EM NÚMEROS

Para termos uma visão mais detalhada sobre as desigualdades no acesso ao mercado audiovisual brasileiro, esta pesquisa analisou as informações dos levantamentos feitos pela Agência Nacional de Cinema (ANCINE) e pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar de Ações Afirmativas (GEMAA). Os dois estudos revelam o déficit na presença de mulheres brancas e negras, e homens negros nas produções brasileiras, em especial as que figuram nos circuitos comerciais de maior visibilidade.

Segundo a pesquisa ‘Diversidade de gênero e de raça no audiovisual’ publicada em 2018 pela ANCINE, que analisa os quadros de funcionários em lançamentos audiovisuais dos anos de 2015 e 2016 no Brasil, 74% dos filmes tiveram a direção assinada por homens em 2015, enquanto apenas 19% foram assinados por mulheres, os outros 7% das produções analisadas foram assinadas de maneira mista (com homens e mulheres na direção). Em 2016, esse número

não sofreu grandes mudanças e fechou o ano com 75% dos filmes dirigidos por homens, 17% por mulheres e 8% com direção mista.

Essa mesma pesquisa, no entanto, apresenta dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e aponta que 52,5% das pessoas que concluíram a formação acadêmica na área do audiovisual em 2016, eram mulheres. Se as mulheres são mais da metade das profissionais com formação acadêmica na área, por que a diferença de cargos de liderança ocupados é tão discrepante?

Ao analisar os números do ‘Boletim GEMAA - Raça e Gênero no Cinema Brasileiro 1970 – 2016’, publicado em 2017, pudemos perceber que a disparidade de gênero e raça nas produções se trata de uma questão histórica. Segundo o levantamento, entre os anos de 1970 e 2016, 98% dos filmes lançados em circuito comercial com público acima de 500 mil, foram dirigidos por homens, sendo que deste total, 85% foram identificados como brancos. No mesmo período, apenas 2% dos filmes analisados tiveram diretoras mulheres identificadas.

O ‘Boletim GEMAA’ aponta ainda que, entre os filmes analisados para a pesquisa, não foi possível identificar nenhum diretor não branco. Em decorrência da falta de dados para a confirmação, 13% dos diretores homens não puderam ter sua raça/cor reconhecida. Quanto à presença de mulheres negras na direção durante o período, a pesquisa não identificou nenhuma.

Já para a função de roteiristas, de acordo com levantamento da ANCINE, em 2015, 65% dos roteiros foram assinados por homens, 23% por mulheres e 12% por homens e mulheres em conjunto. Em 2016, os números se mantiveram e 67% dos filmes foram assinados por homens, contra 21% de mulheres e 12% em conjunto.

Acompanhando a tendência histórica, o Boletim GEMAA identificou que no período entre 1970 e 2016, 71% dos roteiros de filmes foram assinados por homens brancos, 2% por homens negros, 6% por mulheres brancas, 19% por homens sem informação de raça/cor e 2% por mulheres sem informação de raça/cor.

Uma pesquisa sobre cinema negro e políticas públicas realizada no Rio de Janeiro em 2018, aponta também para a larga presença de homens brancos no ofício cinematográfico desde os primeiros filmes produzidos no Brasil.

O fazer cinema foi introduzido pela primeira vez no Brasil em 1898, quando Affonso Segretto trouxe a primeira câmera para o país. A filmagem que fez ao chegar de balsa na Baía de Guanabara é considerada por alguns historiadores como o primeiro filme brasileiro. Affonso Segretto era um homem branco e europeu. Com ele, é possível vislumbrar quem viria a fazer a história do cinema brasileiro: homens brancos, que são a maioria dos cineastas no Brasil até hoje. Mulheres brancas foram poucas ao longo de mais

de 100 anos de cinema. Homens negros menos ainda, e mulheres negras, quase inexistentes. (AQUINO, 2018, p. 8).

A dificuldade na obtenção de dados sobre mulheres no meio cinematográfico é apontada também por Marina Cavalcanti Tedesco no livro de Karla Holanda, *Mulheres de Cinema*. Sobre o assunto, a autora destaca que “praticamente todas as estudiosas do cinema dirigido por mulheres na América Latina lidam com dificuldades diversas para seguir com suas investigações. Contudo, quando se trata das pioneiras do período mudo, o quadro chega a situações realmente dramáticas”. (TEDESCO; HOLANDA, 2019, p. 85).

Apontamentos como o de Marina Cavalcanti Tedesco nos mostram que, além das dificuldades de acesso para mulheres no cinema nacional, esse mesmo grupo sofreu e sofre de um apagamento sistêmico sobre as suas contribuições para o setor. São anos de história sobre audiovisual brasileiro, que trazem consigo lacunas de informações sobre seus realizadores, pessoas pioneiras no mercado e que, através de seus trabalhos, revolucionaram muito da maneira de se fazer cinema no Brasil.

A única função dentro do mercado audiovisual em que existe uma igualdade maior entre homens e mulheres assumindo a liderança, é a de produção executiva. Segundo pesquisa da ANCINE, no ano de 2015, 47% das produções tiveram a função assinada por homens, 41% por mulheres e 12% assinados por homens e mulheres. Em 2016, os números se mantiveram e o ano fechou com 46% de obras produzidas por homens, 41% por mulheres e 13% com produção em conjunto.

A fim de compreender onde estão os entraves que deixam mulheres, brancas e negras, e homens negros de fora de cargos de liderança no mercado de audiovisual brasileiro, esta pesquisa entrevistou profissionais da área que atuam em sets de filmagem e professores de cursos de cinema e audiovisual de São Paulo. Sobre isso, Sabina Reggiani Anzuategui, roteirista e professora doutora em Meios e Processos Audiovisuais, entrevistada para esta pesquisa (informação pessoal)³, destaca que pelo fato de as mulheres exercerem, historicamente, funções de cuidado e organização do ambiente domiciliar, muitas vezes essa função é atribuída a elas como uma extensão desse trabalho, do ambiente familiar, para a organização e cuidado do set.

É bem diferente o set e a decisão de quem faz os filmes. Quem decide e quem faz o filme no Brasil tradicionalmente, é um diretor, não um produtor. Essa pessoa vai atrás do dinheiro, enfim, tem alguns canais de patrocínio e a equipe do set, é contratada depois, sem nenhuma interferência nos personagens. (...) tradicionalmente, a maioria dos diretores eram homens e, curiosamente, muitas vezes as produtoras eram mulheres e também esposas dos diretores.

³ ANZUATEGUI S.R. Entrevista realizada por telefone em 15 set. 2020.

Então, o cara ficava com a parte criativa e a mulher “carregava o piano” para ele, digamos assim. Como era o diretor também que escolhia a história, toda a parte artística e as cabeças de equipe, então a equipe se forma de cima para baixo. O diretor do filme escolhe os diretores de cada área e essa pessoa que escolhe a sua equipe. E essa hierarquia, como acontece em outras empresas, também acontece nas produtoras, as mulheres conseguem entrar nas funções mais baixas quando são mais jovens. É uma estrutura bem machista (...). Por que isso é assim no cinema? O cinema é uma área muito machista e é assim, imagino, porque tem a ver com quem tem dinheiro para fazer o filme. É uma área, que para você fazer um filme, você precisa conseguir dinheiro, isso significa influência política, significa ter relação com empresários, e essa área econômica/política também só tinha homem, historicamente até os anos 70, 90, início dos anos 2 mil. (ANZUATEGUI, 2020)

Já sobre a presença de pessoas negras, os entrevistados apontam a desigualdade social, tão marcante no Brasil, como um dos pontos-chave que impedem que essa parcela da população ingresse no mercado de trabalho audiovisual e alcance cargos de liderança. Evandra de Jesus Laurenti, professora e especialista em desenvolvimento, formatação, gestão e marketing de projetos incentivados para cinema, acredita que os cursos de cinema e audiovisual ainda são muito restritos e elitizados, por exemplo (informação pessoal)⁴.

Basicamente, acho que é na produção e no roteiro onde encontramos mais mulheres, mas pessoas negras, bem menos. Mas acho que na questão dos negros, e, de novo, tudo isso é um “achismo” meu, tem a ver com o fato de que se formam menos negros nas faculdades de audiovisual. Acho que ainda é um curso muito restrito e elitizado, penso eu, e isso acaba segregando. Acham que é difícil depois ganhar a vida nessa profissão, nesse setor e acabam indo para outras áreas que tragam retorno mais imediato. Além de toda a questão do nosso próprio sistema, onde boa parte não consegue ter acesso às universidades, uma outra parcela acaba não investindo nesse caminho por medo. E pode ter também o preconceito da família em ingressar nessa área. (LAURENTI, 2020)

Para uma melhor compreensão do cenário atual do nosso cinema, esta pesquisa elaborou também um questionário, que foi respondido por profissionais atuantes do mercado audiovisual. Neste processo da pesquisa, 70,6% dos entrevistados afirmaram ter trabalhado com mais homens do que mulheres nos sets de filmagem. Além disso, 94,1% das respostas apontaram para uma falta de pessoas negras, e quando perguntadas sobre se as mulheres, quando presentes, ocupavam cargos de liderança (direção, direção de produção, produção executiva e direção de fotografia), 52,9% disseram que não. Quando perguntados sobre a presença de pessoas negras

⁴ LAURENTI E.J. Entrevista realizada por telefone em 22 set. 2020.

em cargos de liderança, 100% disseram nunca ter trabalhado em sets com esta formulação (informação pessoal)⁵.

A aplicação deste questionário, e o reconhecimento de suas respostas, confirmam a tendência de disparidade de gênero e raça/cor no mercado audiovisual. Um meio de difícil acesso para essas parcelas da população, que acabam ficando à margem em funções técnicas ou de baixa visibilidade. Mais uma vez podemos constatar que, mulheres, mas em especial as negras, e homens negros, se encontram em um ciclo de manutenção das desigualdades, de apagamento e falta de representatividade.

4. ANÁLISE DAS OBRAS

Aprofundando o estudo de caso sobre como a disparidade de gênero afeta o produto final das produções, tanto em roteiro, como em construção de personagens, esta pesquisa analisou cinco produções nacionais lançadas comercialmente (com exibição em salas de cinema) entre os anos de 2010 e 2019, e que alcançaram um público de ao menos 500 mil espectadores ou que tiveram boas repercussões em festivais internacionais.

Para a realização da análise os filmes selecionados foram: “E, aí... Comeu?”, de 2012, “Os Homens São de Marte... E É Pra Lá Que Eu Vou”, de 2014, “Que Horas Ela Volta”, de 2015, “Minha Vida em Marte”, de 2018 e “A Vida Invisível”, de 2019. Pudemos perceber nesta fase da pesquisa que, mesmo em filmes onde a temática feminina é bem presente e a obra foi realizada por mulheres, as narrativas apresentam visões machistas e masculinas das questões colocadas, o que comprova que a reprodução de estereótipos é algo enraizado e perpetuado em nossa sociedade através de conteúdos culturais de massa.

Das cinco produções selecionadas, de acordo com o site Adoro Cinema, mídia especializada na divulgação cinematográfica, nenhuma teve suas equipes formadas por pessoas negras nas “cabeças de equipe” (cargos de liderança). Já no recorte de gênero, em números gerais, os filmes analisados tiveram a participação de 20 homens e 15 mulheres em funções como direção, roteiro, produção executiva e direção de fotografia. A produção com o maior número de homens na equipe, foi o longa “E, aí... Comeu?”, de Felipe Joffily lançado em 2012.

A estereotipização de personagens observada no filme “E, aí... Comeu?”, é um exemplo de como a falta de diversidade de narrativas e vivências afeta o resultado nas telas. A

⁵ Pesquisa realizada com aplicação de formulário para profissionais de audiovisual entre os dias 2 set. e 21 out. 2020.

hipersexualização do homem negro é bastante presente durante a trama, assim como a reprodução de estereótipos sobre o feminino e a lesbianidade.

Seguindo o questionário proposto no Teste de Bechdel / Wallace⁶, pudemos observar ainda que, todas as 11 personagens femininas presentes na obra (foram consideradas todas as personagens com falas e nomes) não interagem entre si, todos os seus diálogos são com os personagens masculinos e o conteúdo deste diálogo é limitado à assuntos sobre relacionamentos e sexualidade.

Como citado acima, ao fazer uma análise de sua ficha técnica, pudemos observar que a equipe era formada majoritariamente por homens nos cargos de liderança, totalizando sete pessoas nas funções de direção, roteiro, direção de fotografia, direção de arte, produção e produção executiva, contra apenas uma mulher na função de produção executiva.

Já o segundo filme analisado, “Os Homens São de Marte... E É Pra Lá Que Eu Vou”, dos diretores Marcus Baldini e Susana Garcia, apresenta uma equipe mais equilibrada no que diz respeito à distribuição de funções. Ao todo são dois homens nas funções de direção, direção de fotografia e cinco mulheres que assumiram as funções de direção, roteiro, direção executiva e direção de produção.

No entanto, apesar de uma maior representatividade feminina, o longa ocorre nos mesmos erros sobre estereotipização de seus personagens e na construção de narrativa. Com o auxílio do Teste de Bechdel / Wallace, foi constatado que as cinco personagens mulheres que aparecem no filme, apesar de trocar diálogos entre si, são todos sobre assuntos relacionados a homens, relacionamentos e sexualidade. Ainda que se considere a natureza da temática do longa, que trata justamente de relacionamentos amorosos, diálogos com conteúdo homofóbico e racista também estão presentes no filme.

Ao longo da década escolhida para análise, algumas mudanças significativas começam a ser observadas nas produções brasileiras, caso do filme “Que Horas Ela Volta”, de Anna Muylaert, lançado em 2015. O longa apresenta uma igualdade na formação de equipes de produção e set, sendo três homens na função de produção executiva e três mulheres nas funções de direção, roteiro, produção e direção de fotografia.

No filme em questão, somos apresentados a personagens femininas protagonistas de suas próprias narrativas, com comportamentos fortes e que desafiam o *status quo* imposto pela sociedade. Das cinco mulheres representadas no longa, todas conversam entre si e sobre assuntos que fogem do observado nos filmes acima: relacionamentos amorosos, homens e sexo.

⁶ Vide tabela completa com análise dos filmes citados na sessão ‘Apêndice C’.

Outra mudança significativa em tramas ao longo da década, pode ser observada na continuação do filme “Os Homens São de Marte... E É Pra Lá Que Eu Vou”, “Minha Vida em Marte”, de Susana Garcia, lançado em 2018. Com uma equipe também com mais equilíbrio nas cabeças de equipe, o filme teve três homens nas funções de direção de fotografia e roteiro, e três mulheres nas funções de direção, roteiro e produção executiva.

A temática do filme apresentada é a mesma de sua primeira versão. Trata de relacionamentos amorosos e a busca da completude da vida da personagem principal através de um casamento. No entanto, a mudança de discurso se dá, justamente, amparado nesses temas, onde podemos observar uma protagonista com mais independência e dona de sua própria narrativa. A reprodução de estereótipos homofóbicos também são deixados de lado e menções a comportamentos machistas são colocados como atrasados e inadequados.

Este filme, em específico, apresenta uma diferença sobre a interação entre suas personagens femininas. Isso porque, a história foca apenas na jornada de sua protagonista, não dando muito espaço para outras mulheres em papéis secundários. No entanto, quando essa interação acontece, podemos perceber uma tentativa de não cair nos caminhos comuns de narrativas que abordam sempre o mesmo tema: relacionamentos, homens e sexo.

Por fim, esta pesquisa analisou também o longa “A Vida Invisível” de Karim Aïnouz lançado em 2019 e que, acompanhando a tendência de mudança de discurso ao longo dos anos, apresenta duas protagonistas fortes e independentes. Ainda que as mesmas tivessem que seguir presas a convenções machistas sobre casamento e maternidade solo, o filme ultrapassa essas barreiras e coloca, em sua trama, questões muito pertinentes sobre o assunto que são temas de debates até os dias atuais.

O filme citado acima, consegue manter uma igualdade nas divisões de gênero para os trabalhos, apesar de os homens aparecem em uma pequena maioria. Ao todo foram quatro homens nas funções de direção, roteiro, produção executiva e produção, contra três mulheres nas funções também de roteiro e produção executiva, e direção de fotografia. Já sobre as personagens, o filme traz 5 mulheres que nos são apresentadas por seus nomes, que conversam entre si e que conseguem abordar em seus diálogos questões sobre o dia-a-dia, entre outros.

5. CONCLUSÃO

Após profunda análise de pesquisas, filmes e a realização de entrevistas e pesquisas com profissionais atuantes no mercado audiovisual, pudemos concluir que, mesmo após significativos avanços no mercado de trabalho, a disparidade de gênero ainda é uma questão

importante, que causa diversas discussões, mas uma questão que tem muito a ser resolvido no Brasil. Em especial no audiovisual brasileiro, o machismo e as desigualdades sociais ainda determinam o sucesso para jovens profissionais que iniciam suas carreiras todos os anos.

Reflexo disso pode ser observado ainda nas produções brasileiras exibidas ao grande público no país, com uma baixa presença de personagens negros, negras, mulheres e LGBTs, que não reproduzam estereótipos e que não caíam sempre nos mesmos ciclos de discurso.

As produções analisadas para esta pesquisa demonstram, no entanto, que o cenário caminha para uma mudança considerável de discurso a respeito de temas que, muitas vezes, podem envolver machismo, racismo e LGBTfobia. Da metade da década em diante, passamos a ver filmes com personagens onde esses estereótipos são menos explorados e que conseguem, até mesmo, inverter a lógica do discurso em alguns casos.

Ponto de destaque que pode ser notado nesta pesquisa também, foi o fato de que mesmo produções que contam com a presença de mulheres na sua criação e realização, ainda reproduzem estereótipos enraizados e fortemente difundidos na nossa sociedade, que perpetuam o idealismo machista de figuras femininas retratadas como mal-amadas, loucas, “para casar” ou promíscuas.

As mudanças observadas nos discursos das obras analisadas, e também em produções que ficaram de fora desta pesquisa, pode ser explicada por uma popularização de movimentos que buscam dar visibilidade às pautas das mulheres, mulheres negras, negros e LGBTs, passando também por um aumento de homens e mulheres roteiristas e diretores, com projetos alinhados à um pensamento mais progressista para o campo da cultura e maior consciência de classe e gênero.

Karim Aïnouz, por exemplo, um realizador de filmes declaradamente homossexual, trabalha constantemente a temática LGBTQIA+ e feminina em suas obras e, apesar de Karim já estar no mercado e exercer a profissão há cerca de 20 anos, seus filmes passaram a ganhar certa visibilidade, a partir dessa retomada de um movimento feminista, de pautas antirracistas e contra a LGBTQfobia, que se iniciou no Brasil em meados da década de 2010.

Outros exemplos positivos podem ser explorados nesse sentido, como a própria diretora Anna Muylaert, a autora Manuela Dias, entre outras mulheres atuantes no cinema que, podemos dizer, representam essa nova onda e estilo do audiovisual brasileiro. No entanto, não podemos esquecer de outros nomes que tiveram grande impacto no setor também, como Laís Bodanzky, Carla Camurati, Adélia Sampaio e muitas outras e outros que já traziam para suas obras assuntos relacionados a questões sociais há anos atrás, permitindo que muitas oportunidades e portas se abrissem para as novas gerações.

Através deste estudo, conseguimos iniciar uma trajetória de estudos que podem traçar um paralelo sobre como a falta de grupos ditos minoritários da nossa sociedade (mulheres, pessoas não brancas e LGBTQs) afetam de maneira direta a construção de narrativas, personagens e, por consequência, a construção de um imaginário coletivo sobre o lugar e papel desses grupos no nosso país.

No entanto, acreditamos, essas são questões muito mais profundas e que dizem muito sobre a sociedade em que vivemos. O que vemos representados nas telas como resultado desses trabalhos audiovisuais são apenas a ponta de um problema muito maior e que está enraizado em todos nós. O patriarcado, o racismo, o machismo e todas as formas de preconceito que fizeram e fazem parte da formação de milhões de brasileiros e que estão tão presentes nas estruturas de sustentam e regem nosso país.

O cinema e o audiovisual como um todo, funcionam como reflexo e termômetro da sociedade em que vivemos e, este tipo de mídia nos apresenta, ainda, discursos e temáticas consideradas ultrapassadas sobre o comportamento de mulheres, negros e LGBTQs. No entanto, uma mudança deste paradigma começa a ser observada e caminha para a sua consolidação através de políticas públicas e leis de incentivo que ganharam espaço nos últimos anos.

É preciso que este movimento continue para que não haja mais retrocessos no que diz respeito aos direitos das “minorias” brasileiras. Ora, se mulheres e negras representam mais da metade da população deste país, que estes estejam cada vez mais presentes nos espaços de poder, de decisão e nas telas.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Isabela Silva de. **Cinema Negro e Políticas Públicas: O Impacto dos Editais Curta Afirmativo no Cinema de Realizadores Negros no Brasil**. Rio de Janeiro. UFF, 2018;

CARREIRA, Denise; AJAMIL, Menchu; MOREIRA, Tereza. **Liderança Feminina no Século 21**. São Paulo. Editora Cortez, 2001;

HOLANDA, Karla. **Mulheres de Cinema**, Rio de Janeiro. Numa Editora, 2019;

MACHADO, Sandra de Souza. **Entre Santas, Bruxas, Loucas e Femmes Fatales: (más) representações e questões de gênero nos cinemas**. Brasília. Editora Appris, 2019;

FILMOGRAFIA

A VIDA INVISÍVEL. Direção: Karim Aïnouz. Elenco: Fernanda Montenegro, Carol Duarte, Julia Stockler, Gregório Duvivier. Alemanha; Brasil: RT Features; Canal Brasil, 2019 (145 min).

E AÍ... COMEU?. Direção: Felipe Joffily. Elenco: Bruno Mazzeo, Marcos Palmeiras, Emílio Orciollo Netto. Brasil: Casé Filmes, 2012 (104 min).

MINHA VIDA EM MARTE. Direção: Susana Garcia. Elenco: Mônica Martinelli, Marcos Palmeira, Paulo Gustavo. Brasil: A Fábrica; Capri Produções; Downtown Filmes; Globo Filmes; Paris Filmes, 2018 (105 min).

OS HOMENS SÃO DE MARTE E É PRA LÁ QUE EU VOU. Direção: Marcus Baldini e Susana Garcia. Elenco: Mônica Martinelli, Paulo Gustavo, Dani Valente. Brasil: Paramount Pictures; Globo Filmes; Telecine Productions; Downtown Filmes; Paris Filmes, 2014 (106 min).

QUE HORAS ELA VOLTA?. Direção: Anna Muylaert. Elenco: Regina Casé, Camila Márdila, Karine Teles, Michel Joelsas, Lourenço Mutarelli. Brasil: África Filmes; Gullane Filmes; Globo Filmes, 2015 (114 min).

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CANDIDO, Márcia Rangel; MARTINS, Cleissa Regina; RODRIGUES Raissa; JÚNIOR, João Feres. **Boletim GEMAA: Raça e Gênero no Cinema Brasileiro 1970 - 2016**. GEMAA,

2017. Disponível em: <[http://gema.iesp.uerj.br/wp-](http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/06/Boletim_Final7.pdf)

[content/uploads/2017/06/Boletim_Final7.pdf](http://gema.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/06/Boletim_Final7.pdf)>. Acessado em: 08 mai. 2020

DAY, Elizabeth; HOGGARD, Liz; BROMWICH, Kathryn. **99% of women working in the film and TV industries have experienced sexism**, The Guardian, 2015. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/film/2015/sep/27/sexism-film-industry-stories>>. Acessado

em: 21 set. 2020

ESTATÍSTICA, Instituto Brasileiro de Geografia e. **Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil**, IBGE, 2018. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acessado em:

21 set. 2020

MORISAWA, Mariane. 'A pauta hoje é a hegemonia do patriarcado', diz cineasta Karim

Aïnouz. **Veja**, São Paulo, 23 mai. 2019. Disponível em: <[https://veja.abril.com.br/cultura/a-](https://veja.abril.com.br/cultura/a-pauta-hoje-e-a-hegemonia-do-patriarcado-diz-cineasta-karim-ainouz/)

[pauta-hoje-e-a-hegemonia-do-patriarcado-diz-cineasta-karim-ainouz/](https://veja.abril.com.br/cultura/a-pauta-hoje-e-a-hegemonia-do-patriarcado-diz-cineasta-karim-ainouz/)>. Acessado em: 14 set.

2020

NACIONAL, Agência de Cinema. **Diversidade de gênero e de raça no audiovisual**,

ANCINE, 2018. Disponível em:

<[https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/MAR%20Cachoeira%20LUAN](https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/MAR%20Cachoeira%20LUAN%20RUFINO.pdf)

[A%20RUFINO.pdf](https://www.ancine.gov.br/sites/default/files/apresentacoes/MAR%20Cachoeira%20LUAN%20RUFINO.pdf)>. Acessado em: 14 set. 2020

UNESP, Repórter. **Sexismo no cinema**: cena clássica nas telas e bastidores. Repórter Unesp,

2017. Disponível em: <[http://reporterunesp.jor.br/2017/11/14/desigualdade-de-genero-no-](http://reporterunesp.jor.br/2017/11/14/desigualdade-de-genero-no-cinema/)

[cinema](http://reporterunesp.jor.br/2017/11/14/desigualdade-de-genero-no-cinema/)>. Acessado em: 08 mai. 2020

APÊNDICE A - Transcrição de entrevistas

Entrevista 1

Nome: Sabina Reggiani Anzuategui, roteirista e professora doutora em Meios e Processos Audiovisuais.

Pesquisadora: As pesquisas da Ancine (Diversidade de gênero e raça nos lançamentos brasileiros de 2016) e do GEMAA (Boletim GEMAA: Raça e Gênero no Cinema Brasileiro 1970 - 2016), apontam uma presença masculina muito maior nesse mercado (cerca de 70%) do que de mulheres. No entanto, outra pesquisa da Ancine mostra que as mulheres são maioria nos empregos formais em produtoras e também ao concluir a formação acadêmica. Portanto, na sua opinião, onde você diria que começa o entrave para mulheres dentro do mercado audiovisual brasileiro?

Sabina Reggiani Anzuategui: É bem diferente o set e a decisão de quem faz os filmes. Quem decide e quem faz o filme no Brasil tradicionalmente, é um diretor. Não é nem sequer um produtor. E essa pessoa vai atrás do dinheiro, enfim, tem alguns canais de patrocínio e, a equipe do set, ela é contratada depois, ela não tem nenhuma interferência nos personagens. É claro que, como também tradicionalmente, a maioria dos diretores eram homens e, curiosamente, muitas vezes as produtoras eram mulheres e também as produtoras eram esposas dos diretores. Então, o cara ficava com a parte criativa e a mulher carregava um piano pra ele, digamos assim. Como era o diretor também que escolhia a história, ele que escolhia toda a parte artística e as cabeças de equipe, então a equipe se forma de cima pra baixo. O diretor do filme escolhe os diretores de cada área e essa pessoa que escolhe a sua equipe. E nessa hierarquia, como acontece em outras empresas, também acontece nas editoras, as mulheres conseguem entrar nas funções mais baixas quando são mais jovens. É uma estrutura bem machista, Porque aí a mulher é jovem, bonitinha, o cara acha “que legal, uma mocinha de vinte anos trabalhando pra mim”. Então, por isso que tem muitas mulheres nas partes mais básicas, assistente de foto, assistente de produção.

Conforme a mulher tá crescendo na carreira ela pode, por exemplo, seguir a carreira de diretora de fotografia. Ela começou como assistente de câmera, e quando ela tenta avançar, aparece uma barreira, aquela barreira não escrita. Aquela coisa da camaradagem, o diretor de fotografia, que

é homem e foi colhido por um diretor do filme que também é homem, na hora de dar uma chance pra um profissional, ele vai se identifica com “chapinha”, que é um homem mais jovem, e é nessa barreira que as mulheres param, mas é principalmente nas funções mais altas.

A área tinha mais mulheres, funcionalmente, era direção de arte, que é maquiagem, cenografia, etc. Som é uma área que tem algumas mulheres, mas por exemplo, já fotografia é uma área muito masculina e é esse padrão. Muitas vezes a assistente de câmera é mulher, mas para se tornar diretora de fotografia ela não consegue. Por que isso é assim no cinema? O cinema é uma área muito machista e é assim, imagino, porque tem a ver com quem tem dinheiro fazer o filme. É uma área, que pra você fazer um filme, você precisa conseguir dinheiro, isso significa influência política, significa ter relação com empresários, e como essa área econômica política também só tinha homem, isso historicamente até os anos 70, 90, início dos anos 2.000.

Nos anos 2.000, aqui em São Paulo, começa a ter algumas diretoras mulheres, a Eliane Caffé, a Tata Mara, a própria Anna Muylaert. A gente começa a ver um número maior de diretoras mulheres nos anos 2.000, mas até os anos 80 tivemos bem menos. Nos anos 90 tem a Carla Camurati. Mas você havia perguntado onde começam as barreiras, isso?

Pesquisadora: Sim, pois o que estava conversando com a Ana, é que não temos um ponto exato de onde que acontece isso exatamente, até onde as mulheres conseguem chegar antes de encontrar esses entraves. É como você falou, de indicar um amigo e tudo mais. Durante a minha pesquisa encontrei um termo que é bastante usado pra isso, que é o do “viés inconsciente”, que para fazer indicações para cargos de confiança, você acaba caindo nos mesmos nomes de quem você confia e vai confiar sempre. Como o próprio mercado de trabalho, de uma maneira geral, é também muito machista, os homens acabam sempre se escolhendo entre eles. Eu acho que essa vai ser uma questão meio difícil, de onde começa essa barreira, mas estamos pesquisando.

Sabina Reggiani Anzuategui: Mas essa questão do “viés inconsciente” significa isso. A pessoa, talvez nem perceba, mas o “chapinha” dele... É exatamente isso. Ele se identifica com o juvenzinho e ele vai ver a mulher sempre como um objeto de desejo. Por isso que as mulheres entram muito quando ainda são jovens e a dificuldade aparece quando elas saem da faixa dos vinte anos, que aí elas teriam que ter uma posição já mais assim confiança, mas daí o cara não quer ver a mulher como uma igual. Por isso, que tem muitas produtoras mulheres, porque fazer cinema é um trabalho pesado. Aí a mulher entra, se casa com um cineasta, o cara fica sonhando

com as coisas que ele imagina fazer, só que precisa de alguém para pegar no pesado, para fazer orçamento, pra organizar as coisas, e essa parte organizacional, que é uma espécie “organização da casa” do cineasta, fica com a mulher.

E eu tinha professor na faculdade que gostava dessa figura do produtor norte-americano, esse esquema de estúdio norte americano, onde o produtor era essa figura que moldava os filmes. Ele se ressentia que o Brasil não tinha esse produtor clássico, criativo, que pensa o filme. Ele falava que o Brasil não tem produtores, o Brasil tem esposas de diretor. E é isso que acontece, o diretor puxa a mulher dele para fazer o trabalho pesado e ele viver da fantasia criativa que ele tem. Mas eu acho que esse termo que você achou vai se aplicar muito bem à essa questão.

Pesquisadora: Acho que aí também entra a questão histórica da mulher no mercado de trabalho, de sempre ocuparem cargos de cuidado. Que nesse caso seria cuidar da organização da equipe, cuidar da logística, cuidar que tudo aconteça. Eu sou eu sou jornalista por formação, mas eu já fiz alguns trabalhos também na área do audiovisual e eu percebia que dentro do circuito mais alternativo (eu fiz mais cinema de guerrilha), isso não acontecia tanto. Existia uma divisão mais justa. Conheci mulheres que faziam captação de som, direção de fotografia, que fazia direção, roteiro, eu sentia que não era tão desigual como a gente vê no circuito comercial de cinema.

Sabina Reggiani Anzuategui: Mas isso recente, porque o Cinema Marginal dos anos 1960, que seria o equivalente ao cinema alternativo de hoje, só tinha homens também. Alguma coisa mudou nos anos 1990 com essas pioneiras que mencionei, com a Lúcia Murat, Tizuka Yamazaki. Algumas pessoas aí nos anos 1980, 90, que abrem um espaço.

Agora, o que eu acho curioso desses filmes que você escolheu, o “Minha Vida em Marte”, esse projeto da atriz Mônica Martinelli. É uma mulher que começa como atriz e depois vai fazer projetos, que é o caminho da Carla Camurati, da Carmen Santos. Uma figura dos anos 1930, 40 e também tem esse perfil. Ela primeiro aparece como atriz, depois ela começa a fazer projetos como diretora, como roteirista. Quais os outros filmes que você tinha falado?

Pesquisadora: “A Vida Invisível”, “Que Horas Ela Volta”, “E, aí... Comeu”, que é do diretor Felipe Joffily com Bruno Mazzeo. É um filme que eu peguei por representar bastante os estereótipos do machismo, do masculino, colocando sempre a mulher numa posição inferior, e também por uma questão de racismo que ele traz, a hipersexualização do homem negro. O

“Minha Vida em Marte” eu escolhi por ser um projeto de mulher, mas que reproduz esses estereótipos, e os outros dois, o da Anna Muylaert e o “A Vida Invisível”, foi por também serem de um homem e uma mulher, mas que conseguem colocar os papéis femininos em posições mais de destaque e por reproduzirem tantos estereótipos machistas. O “A Vida Invisível” é focado só na vida das duas personagens, não tem tanta interferência nesse sentido de papéis estereotipados, de mulheres sempre atrás de homem. Mesmo quando tem algo assim na narrativa, mostra isso de uma maneira diferente do que os outros.... Por isso que eu escolhi esses.

A Ana pediu para pegar mais dois para ter uma amostragem um pouco maior, mas ainda não decidi quais vão ser. Eu também vou fazer o Teste de Bechdel para justificar o todo esse argumento do estereótipo.

Sabina Reggiani Anzuategui: A Anna Muylaert já é uma geração anos 1990, que poderia ser comparada com a Tata Amaral. São mulheres que já crescem em um ambiente pós feminismo dos anos 1960. Já o do Karin, não sei como você colocaria isso, mas tem a questão da orientação sexual, porque eu os trabalhos que eu fiz, quase sempre foram diretoras mulheres ou diretores gays, então, talvez seja mais fácil um diretor gay ver em uma profissional mulher, uma parceira profissional.

Pesquisadora: Sim, alguém a altura para um cargo de confiança e liderança.

Sabina Reggiani Anzuategui: Não quer dizer que não possa ser machista, mas eu vejo que tive diálogo no trabalho, com diretores gays. E o Karin, se você pegar obra dele, tem muito filme com personagens mulheres, como o Céu de Suely, também um filme bonito. Talvez você pudesse pegar, já que você falou sobre cinema de guerrilha, esses filmes da Bahia, da Rosa Filme. Tem o “Café com Canela” e um filme mais recente deles, que é desse ano até, que são só mulheres falando sobre um restaurante, são quatro irmãs, na verdade. Acho que chama “Antes do Fim”.

Mas o “Café com Canela”, acho que é ótimo, foi um filme bem recebido em festivais e tem uma diretora, a direção é compartilhada entre o Ari Rosa e a Glenda Nicácio. Talvez combine com o seu trabalho.

Pesquisadora: Para escolher esses filmes, o critério foi ter tido pelo menos 500 mil espectadores ou uma boa repercussão em festivais. Então, acho que esse pode ser uma boa possibilidade mesmo. Porque esses mais recentes, dos últimos anos para cá, como “Que Horas Ela Volta”, teve uma grande repercussão de festival e quando veio para cá, conseguiu um bom público. Eu vejo esses filmes mais como de um circuito alternativo, esses filmes mais de festival, que não são naquele molde Globo filmes, como os outros dois.

Sabina Reggiani Anzuategui: Acho que o “Café com Canela” foi um filme muito elogiado também e você pode achar alguns artigos críticos interessantes. Ele realmente ele se destaca, se diferencia na questão das personagens.

Entrevista 2

Nome: Evandra de Jesus Laurenti, professora e especialista em desenvolvimento, formatação, gestão e marketing de projetos incentivados para cinema.

Pesquisadora: Acredito que, por ter uma visão mais institucional por ter atuado em órgão público e também conhecer mais a parte que envolve o planejamento de filmagens, pode trazer uma nova visão para o meu trabalho e que pode ser bem interessante.

Evandra de Jesus Laurenti: Ok, então vamos lá! O tema é bem bacana e atual.

Pesquisadora: O principal agora, é entender como se dá a inserção de mulheres no mercado de trabalho audiovisual, porque os filmes têm menos de 20% de participação feminina em cargos de liderança, como direção e roteiro, as mulheres acabam aparecendo mais de produção. Mas elas são mais de 50% das pessoas que se formam nas universidades, por isso, estou tentando entender onde estão essas barreiras de acesso e, você talvez por ter essa visão mais institucional e de planejamento, poderia contribuir com suas impressões.

Evandra de Jesus Laurenti: Eu não tenho dados concretos ou estudos sobre isso, então tudo parte da intuição. Mas realmente esse é um ponto que deve ser muito bem pensado, como você mesma levantou, elas aparecem mais nessas funções de produção, produção executiva, algumas vezes assistente de direção, mas em outras funções ainda é muito pequena ainda a presença de

mulher, a gente até vê, mas em roteiro, e principalmente, na pós produção, me parece que o universo feminino é bem restrito e isso vale também a presença de negros. Não é comum ver em set a presença de negros, quando tem, são piquíssimos, então esses grupos, via de regra, não tem tanto.

Eu acho que, a tendência é que isso melhore, porque acho que com as políticas inclusivas, - até algo bacana de você pesquisa é um edital que saiu da Spcine que dava pontuação melhor para projetos que incluíssem mulheres e populações mais marginalizadas no setor audiovisual. Então, acredito que essa situação deve melhorar em médio prazo. A gente tem também que alguns grupos, como o Mulheres no Audiovisual, que promovem bastante debates. Mas concordo com você, ainda existem poucas mulheres e negros na produção audiovisual brasileira.

E também não tinha esse dado que você trouxe de que mais de 50% das que se formam são mulheres, é isso?

Pesquisadora: Isso, naquela pesquisa da Ancine de 2018 que analisou filmes de 2016 traz um dado sobre as pessoas que se formam e quem são os profissionais nas produtoras também. Então, mais ou menos 52% dos formandos em audiovisual, são mulheres.

Evandra de Jesus Laurenti: Acho que elas acabam indo mesmo pra área de produção, nessa área vemos bastante mulher. Um estudo interessante seria traçar que funções são mais ocupadas e porque as mulheres acabam indo mais para esse lado. Basicamente, acho que são mesmo produção e roteiro onde encontramos mais mulheres, mas negros bem menos. Mas acho que na questão dos negros, e, denovo, tudo isso é um “achismo” meu, tem a ver com o fato de que se formam menos negros nas faculdades de audiovisual. Acho que ainda é um curso muito restrito e elitizado, penso eu, e isso acaba segregando. Acham que é difícil depois ganhar a vida nessa profissão, nesse setor e acabam indo para outras áreas que tragam retorno mais imediato.

Além, de toda a questão do nosso próprio sistema, onde boa parte não consegue ter acesso às universidades, uma outra parcela acaba não investindo nesse caminho por medo. E pode ter também o preconceito da família em ingressar nessa área. Então, esses são alguns pontos, na minha opinião, mais nevrálgicos, mas de novo, acho que essa situação deve mudar à médio prazo com todas essas políticas inclusivas que tão rolando, a da Spcine, mas sobretudo no

espaço estadual e municipal, com editais voltados para a cultura negra. Você pode dar uma olhada nos editais da Secretaria do Estado.

Mas acho que de maneira geral, o que posso contribuir contigo é nessa questão de editais, porque eu trabalho muito com isso, então, estou sempre ligada quando aparece. Então, eu te dou essa dica, Spcine e Secretaria de Estado. Num ambiente mais macro, Federal, agora estamos muito pobres nesse sentido. Não estamos tendo nem edital, o que dirá algum que tenha inclusão, o que tem é praticamente nada. Eu acho que esses editais mais inclusivos favorecem a entrada dessas pessoas mais fortemente nessas áreas que você citou.

Mas como as mulheres são maioria nas universidades como você falou, acredito que elas acabem indo para cargos onde elas sentem maior abertura por parte dos empregadores, acho que esse processo passa por aí. Em relação às políticas públicas, temos que analisar tudo o que está aparecendo no âmbito municipal e estadual.

Pesquisadora: Falando agora também um pouco sobre roteiro, de criação, de personagens, de narrativas, que é o segundo momento da minha pesquisa, sobre como essa falta de mulheres e negros afeta na criação de narrativas e personagens. Na sua experiência com roteiro e na análise de projetos, acha que ter menos mulheres e negros afeta essa produção de conteúdo, no sentido de que as mulheres e negros acabam tendo uns papéis mais estereotipados, assim como os LGBTs. Essa falta de pluralidade no discurso acaba fazendo com a gente sempre caia nos lugares comuns?

Evandra de Jesus Laurenti: Eu acho que, de certa forma, sim. Acho que mulheres um pouco menos, mas negras, com certeza e LGBTs também e, certamente a falta de pluralidade faz com que as pessoas não se sintam representadas nesses universos, porque também não estão em todos eles. Dentro de editais a gente acaba tendo pouquíssimas linhas para essas temáticas e agora quase não temos editais também, e vejo que no médio prazo a tendência é diminuir ainda mais, principalmente para representatividade LGBT.

Já no tocante às mulheres, acho que não. Acho que elas acabam sendo mais representadas nas narrativas. Mas de qualquer forma é complicado generalizar e tem que avaliar o universo em que a pesquisa vai ser focada. Isso, com as mulheres, com os negros, há uma falta de

representatividade muito grande e quando aparecem, aparecem em posições subalternas. Faltam narrativas que insiram mais negros e LGBTs de uma forma menos estereotipada,

Pesquisadora: O universo de filmes, o período que eu peguei para analisar e pra fazer comparativo, são de filmes brasileiros dos últimos dez anos, e nesse período houve também uma mudança de cenário, de visão sobre o que feito no começo de 2010 até mais ou menos 2013. Foram escolhidos 5 filmes, dois que estereotipizam bem as personagens que é o “E, aí... Comeu?” e “Os Homens são de Marte e é pra lá Que Eu Vou”, da Mônica Martinelli e também a continuação dele “Minha Vida em Marte”, porque nesse segundo o discurso muda bastante, têm ali uma diferença de quase oito anos de um pro outro. os outros dois são o “Que Horas Ela Volta” e “A Vida Invisível”. Ainda estou pensando se pego mais um que traga uma visão mais empoderada de mulheres e negros. Eu escolhi esses dois últimos por seres dirigidos pela Anna Muylaert e pelo Karin, que já deu entrevista se assumindo LGBT. Acho que pode trazer diferente visões.

Evandra de Jesus Laurenti: Acho que o que você pode fazer também, além de recorte temporal, um recorte por gênero. Geralmente, nessas comédias mais escrachadas, a mulher e os outros grupos são estereotipados mesmo. Talvez fosse legal também pegar o “Minha Mãe É Uma Peça”, que foi um dos maiores sucessos do cinema brasileiro, e também para a sua análise, o fato de a mulher não ser uma mulher. Mas entendo sua seleção acho que está muito boa, bem bacana, só tomaria mesmo um cuidado com a questão dos gêneros, por causa da abordagem, da narrativa. Seria bacana você conversar também, por exemplo, com roteiristas, acho que seria bem enriquecedor.

Desses filmes eu vi apenas um pedaço de “Que Horas Ela Volta”, mas “A Vida Invisível” e as outras comédias que você citou também não assisti. Mas nessa questão de narrativa, sem dúvida alguma, é melhor você falar com roteiristas, até para poder entender como eles veem essa questão que você coloca. Acho que vale muito, além da questão temporal e de gênero também.

Pesquisadora: Muito obrigada por essa conversa, me ajudou muito a ter outra visão sobre o trabalho. Irei procurar alguns editais para analisar as questões que você trouxe.

Evandra de Jesus Laurenti: Acho que seria bacana também você entrevistar alguém da Spcine. Tente falar com a Malu que trabalha na Spcine para pegar alguns contatos que possam te ajudar.

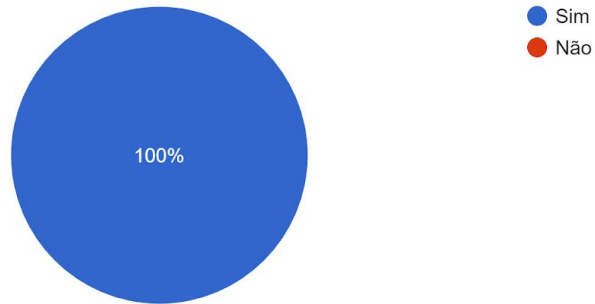
Ela é bem envolvida com essas questões do audiovisual. Tem também o “Mulheres do Audiovisual”, algumas integrantes têm estudos sobre negros no cinema. seria muito interessante acessar esses contatos.

APÊNDICE B – Pesquisa com profissionais da área

Gráficos

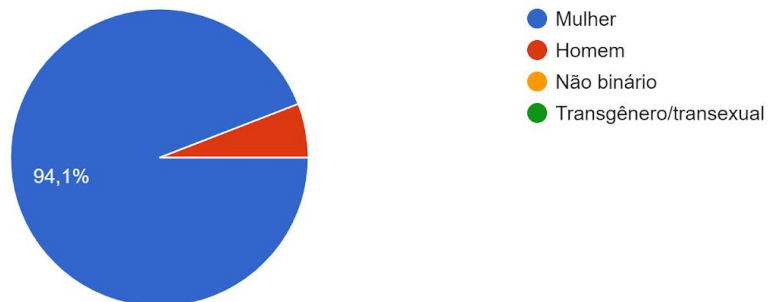
Você é profissional atuante no meio audiovisual?

17 respostas



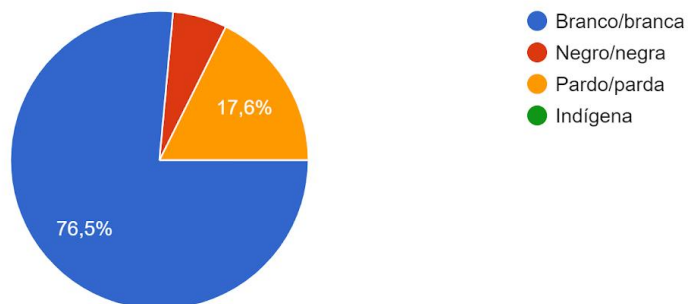
Como você se identifica?

17 respostas



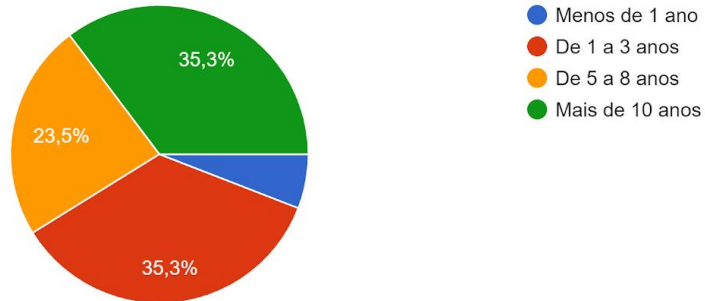
E quanto a sua raça/cor?

17 respostas



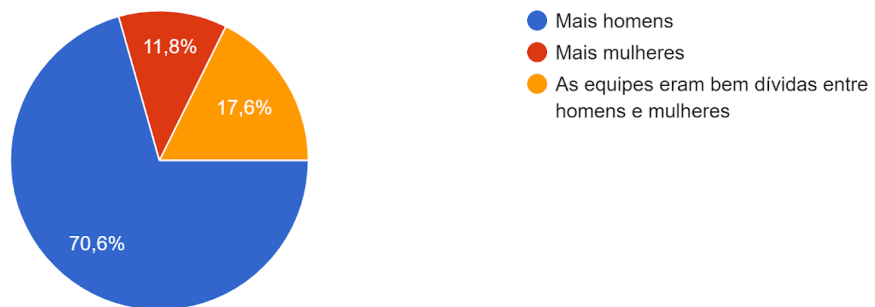
Há quanto tempo você atua nesta área?

17 respostas



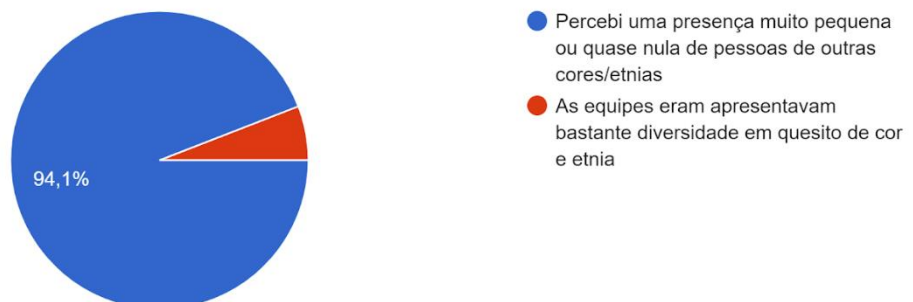
Durante esses anos atuando na área, você diria que trabalhou mais com homens ou com mais mulheres nas equipes?

17 respostas



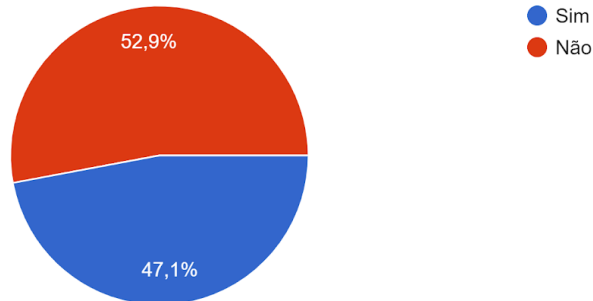
E sobre a presença de pessoas de outras cores e etnias?

17 respostas



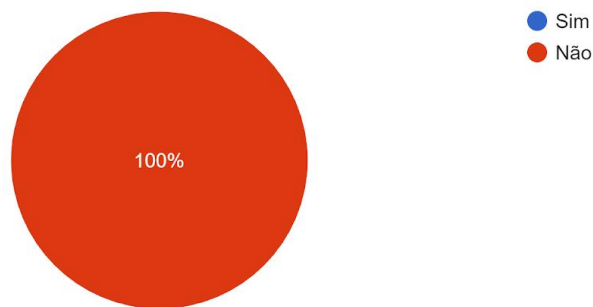
Quando há mulheres na equipe, elas exercem cargos de liderança (Direção, Direção de Produção, Produção Executiva e Direção de Fotografia)?

17 respostas



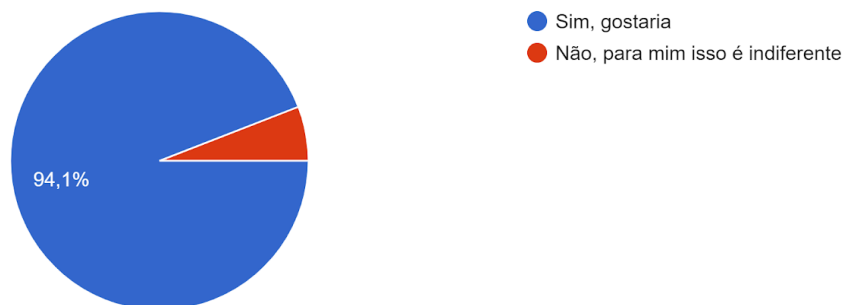
E sobre negros e negras, eles ou elas ocupam cargos de liderança?

17 respostas



Você gostaria de ver uma diversidade maior (de mulheres, negros e negras, indígenas, pessoas trans) nos sets de filmagem?

17 respostas



APÊNDICE C – TABELA TESTE DE BECHDEL / WALLACE

Filme	Quantidade personagens femininas	Conversam entre si?	Sobre o que conversam?
E, ai... Comeu?	11	Não	Quando há diálogo, o mesmo se dá apenas com personagens masculinos. O conteúdo das conversas trata de assuntos relacionados à romance, relações amorosas e sexualidade, sempre sob o ponto de vista masculino.
Os Homens São de Marte... E É Pra Lá Que Eu Vou	5	Sim	Apesar de a obra conter diálogos entre mulheres que trate de outros assuntos, a grande maioria do conteúdo dessas conversas entre personagens femininas, remete à homens e relacionamentos amorosos.
Que Horas Ela Volta	5	Sim	O filme em questão quase não trata de assuntos amorosos em conversas entre as personagens femininas, que tem o conteúdo de suas conversas muito mais voltado a questões sociais e do dia-a-dia.
Minha Vida em Marte	4	Sim	Dada a natureza do filme, que tem em seu tema central justamente a questão amorosa, muitos dos diálogos acabam sendo sobre o assunto. No entanto, este filme em questão foca na trajetória de sua protagonista, dando pouco espaço a interações da mesma com outras personagens femininas com papéis menores.
A Vida Invisível	5	Sim	Alguns diálogos da trama, entre as personagens femininas, acabam sendo sobre homens e relacionamentos amorosos, mas não se limitam a isso, tendo conversas também sobre maternidade, o lugar da mulher na sociedade e questões do dia-a-dia.